

Recensões

Nova gramática de hebraico

Recensão do livro *Hebraico bíblico : uma gramática introdutória*, de Page H. Kelley (trad. por Marie Ann Wangen Krahn).

(São Leopoldo : Sinodal/IEPG, 1998. 456 p.)

Com esta obra, o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia coloca, através da Editora Sinodal, no mercado um manual de hebraico bíblico que pode ser considerado um digno sucessor da tão conhecida e ainda usada *Gramática elementar da língua hebraica*, de J. Hollenberg e K. Budde, que prestou, desde sua primeira edição em 1972, um inestimável serviço a uma geração inteira de estudantes da língua hebraica.

Ao contrário de sua antecessora, a Gramática de P. Kelley teve à sua disposição todos os modernos recursos da técnica, sobretudo da informática. Esta vantagem se torna amplamente visível na apresentação gráfica da obra. Uma excelente diagramação e uma clara impressão dos caracteres hebraicos tornam a leitura agradável e o aprendizado um prazer.

Tal qual sua antecessora, a Gramática de P. Kelley nasceu de décadas de experiência do autor na docência da língua hebraica. Esta sua atividade docente também inclui uma atuação de sete anos no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro. Toda essa larga experiência de P. Kelley se reflete positivamente na sua Gramática, em especial na confecção dos exercícios.

A Gramática apresenta o conteúdo a ser ensinado em 31 lições. Em apêndice encontram-se as tabelas das diversas classes de verbos. Elas estão muito bem dispostas e são compreensíveis por si. A tabela do “verbo forte”, além de usar caracteres hebraicos um pouco maiores dos utilizados nas tabelas dos “verbos fracos”, adota, na tradução, um paradigma diferente do constante no original: *shamar* (“guardar”) é substituído por *pqd* (“visitar”). Certamente a tradutora — ela própria professora de hebraico bíblico durante anos — quis, com a troca, evitar que o principiante fosse onerado desnecessariamente com o problema da transposição de consoantes no Hitpael de raízes que iniciam com uma sibilante.

Em apêndice encontramos também um amplo e detalhado glossário, além de um índice analítico bastante completo. Ambos, glossário e índice, certamente serão de grande utilidade para alunos e alunas.

A linguagem da Gramática é muito simples e bastante clara. Por motivos de clareza, o autor não teme tornar-se, por vezes, repetitivo ou até redundante. Muitas pessoas considerariam dispensável, por exemplo, repetir, em cada categoria de verbo fraco, toda a conjugação do paradigma, além da conjugação completa dos verbos mais usados. Pessoalmente achei um tanto cansativa a explicação do surgimento das diversas formas verbais,

repetida após cada tabela em todas as lições dos verbos fracos. Espera-se que o estudante ou a estudante que chegou a esse ponto do aprendizado tenha plenas condições de entender as leis básicas que determinam a flexão do verbo, sem necessitar de repetidas demonstrações de seu funcionamento.

Cada lição apresenta um ou mais parágrafos ou capítulos com assuntos correlatos. A seqüência dos conteúdos não foge muito à ordem das gramáticas tradicionais. Talvez alguns leitores venham a estranhar o fato de a oração nominal e a relação de construto serem abordadas somente nas lições VIII e X, respectivamente, enquanto que, por outro lado, um assunto tão complicado como os sufixos pronominais em preposições, partículas e substantivos é abordado já na lição XI. A maioria das lições (19 ao todo: XII e XIV-XXXI) são dedicadas ao verbo, dando, assim, ao elemento mais importante da língua hebraica a merecida atenção.

Após a apresentação do assunto, cada lição traz várias sugestões de exercícios. Os exercícios são, sem sombra de dúvida, um dos principais destaques desta Gramática. O manual aposta no aprendizado pelo exercitar (*exercitium est mater studiorum*). Espera-se que os exercícios levem ao entendimento das regras gramaticais. Encontramos exercícios bastante diversificados, muito criativos e até divertidos. O professor e a professora perceberão que há mais sugestões de exercícios (em torno de cinco ou seis tipos em cada lição) do que tempo para realizá-los em sala de aula.

A tradutora fez alguns cortes em alguns tipos de exercício menos apropriados para o nosso contexto e também teve a sensibilidade de adaptar outros à realidade de estudantes brasileiros. Além disso, a tradução portuguesa eliminou quase que totalmente a transliteração dos termos hebraicos. Todas estas alterações foram feitas com a devida autorização do autor, ainda antes de ele falecer, pois elas se enquadram perfeitamente no objetivo e na metodologia propostos.

Exemplos e textos para os exercícios não foram inventados. Todos eles foram tirados da Bíblia Hebraica, em especial do livro de Gênesis, e podem ser conferidos pelo estudante, propiciando, assim, um estudo autodidático.

No final de cada lição encontra-se um vocabulário básico que deve ser apreendido pelo estudante. Apesar de o peso do manual estar no aprendizado pelo exercício, o autor não dispensa o tão temido estudo dos vocábulos hebraicos mais usados. Certamente ele fez a experiência, comum de vários professores e professoras de hebraico: o aluno ou a aluna que não tiver adquirido um cabedal básico de vocábulos hebraicos poderá, quando chegar a hora de traduzir textos, perder totalmente o interesse pela língua.

A Gramática Introdutória de P. Kelley coloca o peso no *ensino* e no *aprendizado* do hebraico bíblico, é, portanto, antes um Manual de Hebraico Bíblico do que uma Gramática que procura sistematizar as regras de uma língua. Além disso, a Gramática é Introdutória, ou seja, ela não pretende abarcar todos os assuntos que deveriam fazer parte de uma Gramática. *Grosso modo*, poderíamos dizer que a Gramática de P. Kelley limita-se à morfologia (a forma das palavras), deixando de lado a sintaxe (a forma das orações). É claro que nenhum manual poderá prescindir totalmente da sintaxe. P. Kelley evidentemente introduz os mais importantes elementos sintáticos da língua, tais como: oração nominal, relação de construto, posicionamento das palavras nas orações, o significado dos “tempos” e troncos verbais, orações interrogativas, imperfeito consecutivo e parcialmente até a relação de coordenação de verbos (cap. 63). Estas informações sintáticas são suficientes

para a tradução de textos bíblicos simples. Para um aprofundamento na estrutura da oração, na função das partes da oração, nos possíveis significados dos “tempos” verbais, nos tipos de oração, na regência verbal e no emprego de diversas preposições será necessário recorrer a outras gramáticas.

Além disso, estudantes exigentes provavelmente sentirão falta, por trás das diversas informações sintáticas abordadas, de uma concepção global de formação e funcionamento da língua hebraica. Por exemplo, o leitor ou a leitora será capaz de identificar, com certa facilidade, seqüências de verbos ou orações com suas particularidades formais, mas terá algumas dificuldades de explicar como e por que surge exatamente esta ou aquela seqüência de verbos ou orações.

Alguns leitores talvez possam discordar de P. Kelley em alguns pontos, como, por exemplo, na sua proposta de divisão de sílabas (lição IV), ou, então, sentir falta, por exemplo, de uma teoria lingüística que pudesse explicar as regras de vocalização. Tudo isso, no entanto, não diminui o mérito desta obra. O autor alcança perfeitamente o seu objetivo: “uma gramática escrita numa linguagem simples, que fosse bastante abrangente e tivesse um leque bastante amplo de exemplos e exercícios baseados na Bíblia” (p. 11).

Por fim, cabe ainda destacar positivamente as diversas “notas da tradutora”, inseridas lá onde a tradutora julgou de bom alvitre ajudar o leitor ou a leitora com explicações adicionais. Em 12.2 e 16.6, por exemplo, ela introduz os conceitos massoretas de *ketib* e *qere* para explicar a vocalização de “Jerusalém” e “Javé”, respectivamente. Os usuários certamente ficarão muito agradecidos por este auxílio.

Nelson Kilpp

Um apelo ao ecumenismo

**Recensão do livro *O ecumenismo eclesiástico em debate*
: uma análise a partir da proposta ecumênica do CONIC,
de Carlos Gilberto Bock.**

**(São Leopoldo : Sinodal/IEPG, 1998. 150 p.
[Série Teses e Dissertações, 11.]**

A vitalidade que caracterizava o ecumenismo brasileiro em tempos recentes está ameaçada de perder fôlego. Mas marcou época e formulou um compromisso inalienável para o futuro. O trabalho de Carlos G. Bock, fruto de pesquisa e tese de mestrado no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST), para tanto apresenta farta documentação. Esboça em linhas claras e precisas a história do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC).

Essa história, com seus antecedentes, seus condicionantes e seus desenvolvimentos, não deixa de ser típica da história do pensamento ecumênico neste país. Esta é a razão por que o estudo ultrapassa em muito a análise de um objeto específico e se constitui numa instrutiva introdução à história do ecumenismo como tal. Sempre focalizando o contexto